

Afonso de Taunay e a heráldica municipal catarinense

Edison Mueller

Do Instituto Histórico e Geográfico de SC

Personalidades há que, pela relevância e pelo fulgor de sua ação no meio em que viveram, permanecem sempre redivivas no culto e na saudade que os póstepros não se cansam de tributar aos seus nomes e aos seus méritos. Ao número cada vez mais restrito desses entes privilegiados, como bem observou Altino Arantes (1), pertence sem dúvida Afonso d'Escragnoille Taunay, falecido na Capital paulista em 20 de março de 1958, pouco antes de completar seus 82 de idade.

O notabilíssimo polígrafo brasileiro consumiu, em verdade, os dilatados anos da sua existência na pesquisa obsidente, no estudo ininterrupto do nosso passado. Com pertinácia invulgar e paciência beneditiana, aliadas à sua imensa devoção pelo nosso País, dedicou-se à ingente tarefa de esquadriñar arquivos e compulsar velhos documentos, também a organizar museus notáveis - para poder dar aos coevos e legar aos porvindouros essa imensa, valiosíssima obra que representa, sem dúvida, duradouro e inestimável patrimônio cultural para o Brasil.

Nosso grande historiador ele o foi, com certeza. Mas foi sobretudo, como Altino Arantes assinalou bem (2), o "historiador de São Paulo", porque do passado e da gente de Piratininga ele se constituiu, por excelência, o pesquisador infatigável, o biógrafo pertinaz e minunioso, o narrador fiel, imparcial e lúcido.

Embora, no espírito e na obra, fosse tão paulista quanto Francisco Adolfo de Varnhagen (3), Afonso de Taunay nascera, aos 11 de julho de 1876, em Santa Catarina, mais precisamente na pequenida cidade de Nossa Senhora do Desterro, à época em que genitor, o Visconde de Taunay, exercia a Presidência da nossa Província. Aliás, ele nunca ocultou nem se cansou de informar, nas ocasiões próprias, sua condição de catarinense nato.

Quem percorre sua vasta bibliografia cedo se apercebe de um fato: ela é tão vasta que mal se concebe tenha sido o trabalho de um só homem. Indubitavelmente chama a nossa atenção a variedade, a multiface dessa estupenda atividade intelectual. Além de suas obras monumentais, a "História Geral das Bandeiras Paulistas" (11 volumes, 1924/1950) e a "História do Café no Brasil" (15 volumes,

1939/1943), há dezenas de monografias e numerosas biografias, além de centenas de artigos, publicados em jornais e revistas, acerca dos mais variados assuntos históricos e literários.

As comemorações do centenário natalício de Afonso de Taunay, em 1976, propiciaram o exame de vários aspectos da vasta e multiforme obra do notabilíssimo historiador. Todavia, muita coisa ainda ficou sem registro condigno. Justamente por isso, ao iniciar a conferência que, naquele ano, pronunciou na Academia Paulista de Letras, outro sapiente mestre, o prof. Odilon Nogueira de Matos, podia afirmar, com inteira razão, que caso se escrevesse obra coletiva, a respeito do autor da "História do Café no Brasil", além de seus traços biográficos e do estudo de sua personalidade ela deveria conter no mínimo quinze extensos capítulos, que enumera com proficiência, dentre eles "Taunay e a História das Bandeiras", "Taunay e a Lexicografia", "Taunay e o Ensino da História" e "Taunay e o Museu Paulista" (4). É indubitável, à vista da copiosa obra intelectual do homenageado, que ao imaginado livro outros capítulos valiosos poderiam ser facilmente agregados.

Afonso de Taunay legou-nos também a extensa série de *escudos d'armas* que elaborou para numerosos municípios do nosso País; do Vale do Paraíba e de outras regiões paulistas; dos Estados de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e da Bahia; e também para quatro municípios de sua terra natal, viz. Blumenau, Joinville, Laguna e São Francisco do Sul. Em razão disso, à pollutéa idealizada pelo prof. Odilon Nogueira de Matos poderia também ser acrescentado, naturalmente, longo capítulo destinado à enumeração e ao registro de extensa produção do historiador magno de São Paulo na área da Heráldica Municipal Brasileira.

Salvo melhor informação, o interesse de Afonso de Taunay pela Arte Heráldica e, mais particularmente, pela Heráldica Cívica foi desperdado pelos dois sucessivos concursos públicos realizados, no triênio 1915/1917, pela Prefeitura de São Paulo e destinados à escolha de escudo d'armas para aquele município. Poucos meses depois, ainda em 1917, ele assumia a direção do Museu Paulista; e, nos anos subseqüentes, empreendeu a execução de amplas reformas estruturais no prédio do museu e em sua decoração interna, para a apresentação condigna do famoso Palácio do Ipiranga e de suas coleções em setembro de 1922, durante os festejos comemorativos do centenário da nossa Independência. Nessa ocasião, Afonso de Taunay mandou pintar, em arcadas cegas existentes no alto das paredes que delimitam a grandiosa escadaria interna do museu, os escudos d'armas evocativos jystamente de seis das mais velhas cidades do Estado de São Paulo: além do brasão de Itanhaém (idealizado pelo ilustre pintor e historiador Benedito Calixto), vêem-se ali cinco escudos d'armas que, em iniciativa pessoal, ele próprio havia projetado para Parnaíba, Itu, Taubaté, Sorocaba e Porto Feliz (5).

Nos anos posteriores ocorreu, por deliberação das respectivas Prefeituras, a instituição oficial desses cinco emblemas com insígnias dos citados Municípios paulistas. Em razão disso, o autor da "História do Café no Brasil" passou a elaborar, ora por iniciativa pessoal, ora em atenção a pedidos oriundos de outras regiões do País, de acordo com as sugestões que lhe foram feitas sobre os fatos a serem recordados, escudos d'armas para numerosos municípios-brasileiros.

Em 1928, Afonso de Taunay visitou, em companhia do desembargador José Arthur Boiteux, as principais cidades do Norte do Estado de Santa Catarina; e, nessa ocasião, como ele próprio narrou mais tarde (1931) em artigo publicado sucessivamente no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, e nos "Anais do Museu Paulista", ocorreu-lhe a idéia de oferecer projeto de escudo d'armas às municipalidades de São Francisco do Sul e de Joinville (6).

No mesmo ano, a sugestão do ilustre historiador para o emblema francisquense foi oferecida ao prefeito local, major Manoel Deodoro de Carvalho, e posteriormente submetida ao exame do Conselho Municipal (atual Câmara de Vereadores), onde também obteve aprovação. Em 24 de novembro de 1928 foi sancionada, pelo citado prefeito municipal, a Lei nº 288, que criava, segundo idéia do diretor do Museu Paulista, o escudo d'armas de São Francisco do Sul, assim descrito:

"Escudo redondo português, ensimado pela coroa mural típica das cidades. Como peça principal, uma nau portuguesa quinhentista, com todo o seu velame desferrado, recorda a chegada, às águas da majestosa Babitonga e ao porto magnífico de S. Francisco, das esquadras exploradoras da costa brasileira e apossadoras do Brasil para o domínio das quinças.

Firmados em chefe, cinco escudetes relembram as circunstâncias da fundação de São Francisco. O do centro, o maior, traz as armas de Pero Lopes de Souza, primeiro donatário de Santa Catarina, por d. João III, como senhor das Terras de Sant'Anna. O primeiro dos escudetes recorda a estada em S. Francisco, em 1540, do famoso 'adelantado' Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, cujo brasão de família aí se reproduz. Neste mesmo escudete há ainda uma referência à estada em S. Francisco, ou em suas proximidades, em 1504, dos franceses normandos de Honfleur, de Paulmier de Gonneville e do 'Espoir': a flor-de-lis do brasão da cidade de Honfleur. No segundo escudete, as armas da família Sanabria recordam a tentativa espanhola de Juan Diego de Sanabria para o povoamento de S. Francisco em 1547, por ordem do imperador Carlos V, tentativa esta que teve desastroso fim. O báculo, que se nota no escudete, evoca a existência do primeiro francisquense e catarinense ilustre, Hermande de Trejo y Sanabria, nascido em S. Francisco em 1554, bispo de Tucumã e fundador da Universidade de Córdoba, na República Argentina. O quatro escudete

encerra, no primeiro quartel, as três vieiras dos Fernandes; e recorda Antônio Fernandes, o povoador primevo que obteve sesmaria 'para ir povoar a vila que seu pai fundara em S. Francisco do Sul, onde já tinha uma capela de Nossa Senhora da Graça', primeiro ato jurídico, talvez, do passado francisquense. No segundo quartel, a banda abocada de cabeças de serpes, dos Andrades, evoca a fundação da vila por Manoel Lourenço de Andrade. O quinto escudete contém a cruz dos Rodrigues, relembrando Luiz Rodrigues Cavalinho, genro e companheiro de Andrade. As aspas com a flor-de-lis, dos Pires; recordam o desembargador Rafael Pires Pardiniho, o íntegro magistrado que, em sua correição, reorganizou os negócios judiciários e administrativos da vila, em princípios do século XVIII.

Na coroa mural, por cima da porta central, outro escudete encerra as chagas de São Francisco de Assis e o resplendor das mãos, atributo de Nossa Senhora da Graça, padroeira da cidade e do Município.

Como 'tenentes' do escudo: à destra, um bandeirante revestido de seu característico gibão de armas, evoca a situação das bandeiras de São Paulo, a que se deveu o definitivo estabelecimento de S. Francisco; à sinistra, um conquistador espanhol, revestido de armadura completa, de acordo com um modelo da Arméria Real de Madrid, rememora as tentativas castelhanas de apossamento do território francisquense.

*No listel, enramado de hastes de mandioca e de cana, se inscreve a divisa *In Littore Pro Brasilia Vigil* (subentendendo-se SUM), ou seja, 'Sou a atalaia praiana do Brasil', que caracteriza o fato de que S. Francisco foi realmente, durante largos anos, o último posto ocupado pela conquista de nossa costa e a guarda avançada do Brasil.' (7)*

Ainda em 1928, salvo engano, o ilustre polígrafo catarinense oferecia à administração de Joinville, por intermédio do prefeito dr. Ulysses Alves da Costa, sugestão para o escudo d'armas do Município. O projeto foi a seguir submetido, pelo conselheiro dr. Marinho de Souza Lobo, ao exame dos demais integrantes do Conselho Municipal de Joinville, onde também foi aprovado, durante a segunda reunião ordinária do mês de abril de 1929 (8).

Joinville nasceu, como se sabe, no patrimônio territorial (depois denominado "Domínio Dona Francisca") entregue em dote a uma das irmãs do imperador d. Pedro II (9), a princesa d. Francisca Carolina, após assentado seu noivado com o príncipe de Joinville, Francisco Fernando de Orléans, terceiro filho do rei francês Luís Filipe (10). O povoamento inicial dessas terras ocorreu com colonos oriundos mormente de várias regiões da Europa Central (11).

Afonso de Taunay planeou para o município, atendendo sobretudo a essas circunstâncias históricas, o seguinte escudo d'armas, instituído oficialmente pela Lei nº 433, sancionada em 27 de abril de 1929 pelo prefeito dr. Ulysses Gérson Alves da Costa:

“Escudo redondo português, encimado por uma coroa mural. No escudo existirão quatro quartéis, a que se sobrepõe, ao centro, um escudete. No primeiro quartel serão gravadas as ‘quinas’ de Portugal e a flor-de-lis dos Bourbons, recordando o casamento da princesa d. Francisca de Bragança com o príncipe de Joinville; e de onde surgiu o nome de Joinville para a primitiva Colônia Dona Francisca. No segundo quartel destacar-se-ão elementos que figuram no escudo da cidade francesa de Joinville, cabeça do principado desse nome e de onde Joinville veio a ter a sua denominação. No terceiro quartel registrar-se-ão o leão norueguês e a cruz helvética. No quarto quartel gravar-se-ão a águia da Prússia e a cruz de Oldenburgo, recordando, como no anterior, as procedências dos primeiros colonizadores.

No escudo antes referido existirá, ao centro, um escudete, reproduzindo a constelação do Cruzeiro do Sul, símbolo nacional brasileiro para lembrar que todos os elementos de nações diversas se amalgamaram com os do Brasil.

O escudo terá como ‘suportes’ hastes de cana e de arroz, para recordarem as principais culturas do município. Em listel, abaixo do escudo, se inscreverá a ‘divisa’ *Nea Autem Brasiliae Magnitudo, ou seja, ‘A grandeza do Brasil é também a minha’*. Ao centro dessa divisa existirá uma roda dentada, simbolizando a Indústria.

Na coroa mural existirão uma porta central, encimada por um escudete, como referência ao orago da cidade, São Francisco Xavier; e encerrará o livro e o bordão de peregrino a recordar a ação evangelizadora do apóstolo. A esse conjunto sobrepor-se-á a maiúscula romana ‘I’, que lembra o ‘Vai!’, com que Santo Inácio de Loyola mandou que São Francisco Xavier fosse servir nas missões do Oriente.

O escudete do primeiro quartel do escudo geral terá campo azul carregado de cinco besantes de prata das armas reais de Portugal antigo e de Bragança; flor-de-lis de ouro, das armas reais da França antiga e da Casa de Orléans. O segundo quartel terá campo azul e três espadelas de ouro das armas de Joinville, em França. O terceiro quartel terá campo de prata; águia de negro, bico, penas, cetro e coroa de ouro da Prússia; e cruz vermelha de Oldenburgo. O quarto quartel terá campo vermelho: cruz branca da Suíça; leão de ouro, machado de prata da Noruega.

O escudete central ao escudo geral, sobreposto, terá campo azul e estrelas de ouro. O listel será de campo vermelho; e as letras da divisa de prata.

O escudete de coroa mural acima do escudo terá campo vermelho; o livro aberto, de prata; sobre ele um bordão de peregrino, também de prata. A letra maiúscula, ao alto, também de prata.

Os ‘suportes’ laterais ao escudo terão as suas hastes de cana e arroz ao natural. A roda dentada terá a cor natural. A coroa mural será dourada.” (12)

(Conclui na próxima edição)

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANTES, Altino. *Afonso de Taunay*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. 58, 1960, p. 49.
2. ARANTES, op. cit., p. 53.
3. RODRIGUES, José Honório. *História e Historiografia*. Petrópolis, Vozes, 1970, p. 171.
4. MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, Historiador de São Paulo e do Brasil*. São Paulo, ed. Museu Paulista, 1977, p. 16-17.
5. MUELLER, Edison. *Afonso de Taunay e a Heráldica Cívica Vale-paraibana*. Comunicação apresentada ao "VI Simpósio de História do Vale do Paraíba", realizado em Jacareí (SP), em julho de 1982.
6. TAUNAY, Afonso d'Escragnole. *Heráldica Municipal Brasileira*. In: *De Brasiliae Rebus Pluribus*, separata dos Anais do Museu Paulista, tomo VII, 1938, p. 504-507.
7. TAUNAY, ibidem.
8. JORNAL DE JOINVILLE. Joinville, 24 de abril de 1929, p. 2; e 30 de abril de 1929, p. 1.
9. OLIVEIRA, Plácido Olímpio de. *O primeiro capítulo da História de Joinville*. In: SCHULZ, Albano (org.). *Álbum Histórico do Centenário de Joinville*. Joinville, Sociedade Amigos de Joinville, 1951, p. 9-12.
10. PESCH, Jaroslau C.. *Domínio dona Francisca - sua origem e sua história*. In: SCHULZ, Albano (org.), op. cit., p. 15-22.
11. LOBO, Marinho de Souza. *Colônia d. Francisca - Fundação e desenvolvimento nos primeiros anos*. In: SCHULZ, Albano (org.), op. cit., p. 25-30.
12. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. *Resoluções do Conselho Municipal de Joinville do ano de 1929*, s.d. (1930), p. 9-11. SCHULZ, Albano (org.), op. cit. p. 5-6.



Imprensa Universitária



Livraria Catarinense

A melhor escolha em livros

**Rua Cons. Mafra, 47 - Fone 22 4766 e Terminal Rita Maria
Florianópolis — Santa Catarina**



Mais um apoio cultural

Diário Catarinense

